

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón por videoconferência de Milão, 16 de junho 2021

Texto de referência: J. Carrón, “O imprevisível sobressalto” em *Há esperança? O fascínio da descoberta (em preparação) 3 primeiros capítulos disponíveis online no site de CL.*

- *Aconteceu*
- *Liberazione n. 2*

Glória

Boa noite a todos! Vamos começar a trabalhar no novo capítulo de *Há esperança?* que se abre com estas palavras, que parecem pertinentes ao que está a acontecer: “O presente, com os seus safanões, pôs a nu aspetos da vida que tínhamos dado por adquiridos. «É assim que se comportam os factos. Rebentam qualquer bolha de presunção, fazem em pedaços as teorias, destroem as convicções». Para muitos, tornou-se de repente urgente, ainda que só por alguns momentos, aquela exigência de um significado último [...]. Muitas evidências, não é uma novidade, colapsaram, já não fazem, à partida, parte da nossa bagagem cultural. [...] Mas talvez seja, paradoxalmente, um facilitador ver desfazerem-se em bocados certas presunções nossas, empedernidas, verificar o começo de uma brecha no muro das nossas seguranças. É o que canta Leonard Cohen: «Há uma brecha em todas as coisas / É assim que entra a luz» (p.1 cap.3)

Como é que a experiência da pandemia facilitou a abertura de uma brecha no nosso trabalho?

Boa noite. Este último ano foi um ano muito difícil, tanto no hospital onde trabalho como na minha família. Acima de tudo, provocou-me o número de mortes, a solidão, a dor, o choro que vi. Percebi realmente o que significa a realidade como “dado”: quer o bem quer o mal, as coisas positivas e as coisas negativas são ocasiões que Ele usa para me chamar. E isto foi revolucionário para mim. Além disso, o Senhor segurou-me muitas vezes pelos cabelos: quando o meu marido me acolhia depois de um dia difícil; ou uma conversa com a minha irmã, a Escola de Comunidade, os Exercícios da Fraternidade que foram um renascimento. Mas eu tenho sobretudo uma pergunta. Dou-me conta que aprendi estas coisas, mas a maioria das vezes comporto-me como o resto do mundo. Diante de novas circunstâncias que não me agradam, coisas que eu gostaria que fossem diferentes e não são, dou por mim a tentar reduzir o meu desejo, ou a eliminá-lo, a desejar não o ter e até mesmo a duvidar que a realidade lhe possa responder. Ou seja, coloco completamente em dúvida a bondade do desejo, dizendo: "Isto não é verdade." Objetivamente, quando paro e faço um trabalho, reconheço que não é assim e posso recuperar, mas é um trabalho muito difícil. Na verdade, a grande questão que me coloco é como não começar do zero todas as vezes, como é que isto se pode tornar quotidiano, porque realmente é uma dor muito grande. Quando o contei a uma amiga, ela disse-me que estava surpreendida porque a minha dor não era tanto por causa das circunstâncias, mas porque as vivia como as vive toda a gente. A minha grande pergunta é: como é possível não recomeçar sempre do zero? Como é que aquele reconhecimento da realidade se pode tornar quotidiano?

A tua pergunta parece-me muito interessante, porque nos põe a todos diante da questão de saber se daquilo que vivemos fica alguma coisa que nos permite enfrentar a vida quotidiana de maneira diferente. *Don Giussani* dizia-nos que as circunstâncias são para o nosso amadurecimento (“Deus nunca permite que aconteça nada que não seja para uma maturidade nossa, para um nosso amadurecimento”; L. Giussani, “A longa marcha da maturidade”, *Passos, Litterae Communionis*, n. 3/2008, p. I). Tu estás a pôr isto em questão: é mesmo verdade que as circunstâncias são para a nossa maturidade? Aquilo que vivemos é capaz de gerar algo estável em nós, para que possamos enfrentar as circunstâncias com uma novidade dentro? A tua pergunta é um desafio à proposta que *don Giussani*

nos faz, e com razão, porque eu não posso convencer-te de que uma coisa é verdadeira "porque o diz Giussani " (nem ele o pretendia). Giussani faz-me uma proposta, e eu tenho que descobrir na minha experiência se isso acontece e se é capaz de gerar algo novo em mim para enfrentar os novos desafios aos quais a vida nunca me poupará.

Estamos diante de uma questão decisiva. E é surpreendente ver que não é só nossa, é um problema de quem viveu a tua situação ou outra semelhante, por isso o nosso é um diálogo a 360° graus, com qualquer pessoa. Parece-me fundamental reconhecer isto: o nosso diálogo - o diálogo que cada um tem consigo mesmo sobre como vive tudo e sobre o que é que se gera vivendo as circunstâncias - é com o mundo. No fundo, nós estamos a mostrar diante do mundo se a fé que vivemos é capaz de gerar alguma coisa que tem relevância para todos, para as perguntas que todos têm. Deste ponto de vista, fiquei impressionado com um artigo publicado num jornal espanhol, *El País*, em que a jornalista Rosa Montero conta a reação que teve ao ver o primeiro fim de semana de reabertura depois do confinamento: "Como moro num bairro central de Madrid, pude ver, de minha casa, as celebrações pela saída do estado de emergência, o rugido da onda de gente que se lançou pelas ruas e a sua fome insaciável de felicidade. Tanto desejo de queimar a noite, de possuir vida. Foi um pouco assustador ver como voltámos a esquecer o vírus, mas o assunto deste artigo não é este esquecimento irresponsável. Porque, por outro lado, a explosão de alegria me parecia muito compreensível. Eu pergunto-me, no entanto, quantos foram para a cama felizes naquela manhã pela madrugada ". Todos nós tivemos que verificar como fomos para a cama dormir depois de esperar meses pelo início dos festejos pela reabertura. É por isso que a tua pergunta é a mesma que esta jornalista tem: "Procuramos a felicidade, mas sem saber onde' [...] A pandemia deveria ter-nos ensinado algo sobre a verdade vibrante e única do presente, deste preciso instante em que vivemos, mas temo que não vamos aprender nada». Diz que já viu pessoas diagnosticadas com cancro "e que, na avassaladora clarividência do susto, nos asseguram que a doença lhes abriu os olhos e que, se a ultrapassarem, nunca mais perderão tempo a preocupar-se com parvoíces", ou seja, que aprenderam qualquer coisa que permanecerá neles como recurso para lidar com a vida quotidiana. Mas acrescenta: "Amigos que depois se curam (felizmente) e alguns anos depois voltam ao mesmo ultraje mental, à mesma confusão sobre o que são e o que desejam." Eles voltaram a olhar a realidade como antes, voltaram "a inconscientemente adiar a felicidade para um tempo que está sempre longe, um pouco mais longe", ou seja, deslocando a realização para a ocorrência de novos eventos "num futuro que nunca irás alcançar " De facto, escreve a jornalista: «A má notícia é que nunca lá se chega. Só existe o hoje, o aqui e agora "(R. Montero, " Hoy, aquí, ahora ", *El País*, 23 de maio de 2021;). Assim termina o artigo. É uma experiência que todos nós estamos a viver, depois do confinamento, com o retorno à chamada "normalidade". Tu perguntas se há alguma coisa que permanece, de tal modo que uma nova forma de vida se torne quotidiana. Pode acontecer numa situação normal, como a dos festejos dos madrilenos descritos por Rosa Montero, ou numa circunstância dramática, como quando em Itália, no dia da reabertura, nos confrontámos com o impacto, muito menos agradável, causado pela queda do teleférico de Mottarone.

Olá, boa noite a todos. Quantas vezes ouvi a frase de Montale "um imprevisto é a única esperança" e quantas vezes a deixei passar como qualquer coisa de já adquirido. Mas desta vez experimentei fazer uma comparação com as circunstâncias que estou a viver, querendo ver em ação se esta frase tinha um alcance para a vida concreta. Olhar para o imprevisto como uma possibilidade verdadeiramente incidente na minha vida, no meu olhar sobre as coisas, é seguramente a posição mais correspondente à razão. Aquilo que vi acontecer em mim foi a passagem desta constatação desarmante a uma implicação afetiva. Não basta uma observação lógica e desarmante para aceitar que uma outra medida possa ser a chave de leitura para olhar para as coisas. Que necessidade reconhecida em nós mesmos é precisa, para estar nas coisas sem medo da nossa humanidade mendicante, desejosa de reconhecer Alguém através de alguém. Foi uma descoberta. Depois aconteceu o desastre do teleférico de Mottarone. Senti-me como se estivesse a cambalear, a voltar para trás, como se aquela descoberta tivesse sido cancelada. Eu penso no imprevisto como sendo

uma coisa positiva que acontece. Também aquilo que aconteceu foi um imprevisto: mas uma tragédia, não uma esperança. Pergunto-te como estão juntas a tragédia do teleférico e o que Montale diz, "um imprevisto é a única esperança"? Percebo que há aqui no meio um outro passo, um trabalho que tenho de fazer para não reduzir novamente a questão. Podes ajudar-me a fazê-lo?

A pergunta não surge só em face do choque do teleférico. Também surge, como vimos, perante os festejos depois do confinamento, diante de todas as circunstâncias do dia a dia. E é precisamente ao olhar para este dado que podemos perceber que imprevisto é preciso acontecer para que possamos adquirir uma coisa que permaneça.

Parto da frase de Giussani que citas no ponto 2 do capítulo 3, sobre o imprevisto que acontece: "Jesus Cristo [...] esconde-se, torna-se presente, sob a roupagem, sob o aspeto duma humanidade diferente. O encontro, o impacto, é com uma humanidade diferente: é a experiência de uma humanidade diferente que nos surpreende, porque corresponde mais às exigências estruturais do coração do que qualquer modalidade do nosso pensamento ou da nossa fantasia.» (p. 5 cap.3). Esta frase ficou-me cravada no coração como um punhal, na medida em que reconheço que é dramaticamente verdadeira. Porém, quando olho à minha volta, quando tento encontrar esta humanidade diferente que me surpreende, sou tomado como que por uma derradeira desilusão, porque não a vejo, ou melhor, tenho dificuldade em vê-la. Quando olho para as pessoas da minha comunidade, para os gestos que fazemos, até para a atenção à minha pessoa, quase que me parece que o entusiasmo que me arrebatou há mais de 45 anos e que mudou a minha vida se está a desgastar com o tempo, degradando-se sem que aquela humanidade diferente venha hoje ao de cima como facto. Estou no fundo de desemprego há um ano e meio, e é raro que alguém me pergunte como estou, e, no entanto, vemo-nos na missa, fazemos Escola de Comunidade, e os grupos de Fraternidade, e tudo o resto... Mas aquela humanidade diferente, é como se não a encontrasse. Depois, não deixa de ser verdade que acontece qualquer coisa, como a morte de um amigo com ELA (esclerose lateral amiotrófica) e eu vejo que realmente existe uma humanidade transbordante que conta a história de alguém que foi tomado por um Amor infinito que o sustentou até morrer assim, abandonado a Ele. Mas é como se nem sequer testemunhos como este me bastassem, como se fossem factos e pessoas que acontecem longe de mim. Eu imploro todos os dias que esta humanidade diferente me atinja como um relâmpago ou como um sussurro – também serve –, que seja alguma coisa que entra na minha carne e no meu sangue e o contagie de bem. Como é possível que este meu desejo permaneça tão estéril e, à minha volta, eu não veja acontecer esta humanidade diferente? Aliás, vejo muitas vezes, pelo contrário, uma humanidade que é mais pobre do que antes, sem aquele ímpeto humano por tudo e para com cada um, sem aquele ímpeto que foi o que me impressionou desde o início da minha experiência cristã. Obrigado pela tua paternidade

Obrigado, porque tu colocas diante de todos nós o desafio: não basta ver coisas impressionantes, testemunhos espetaculares, factos e pessoas que acontecem. "Eu imploro todos os dias que esta humanidade diferente [...] seja alguma coisa que entra na minha carne e no meu sangue". Impressionante! Não é suficiente vermos esta novidade em alguém, queremos que ela nos penetre até à medula. Mas "como é possível que [...] eu não veja acontecer esta humanidade diferente?". Quando se percebe o entusiasmo do início a esmorecer, nem sequer ver factos excepcionais é o suficiente. Então? O que fica de tudo o que Deus nos dá como testemunho do Seu agir? É possível (como se perguntava a amiga de há pouco) que de tudo aquilo que nos acontece fique algo significativo para enfrentar o dia a dia ou temos sempre que recomeçar?

Olá. De todos os factos incríveis e excepcionais que temos visto, o que fica? Esta pergunta, que fizeste na Diaconia do CLU a semana passada, tem-me acompanhado nestes dias, arde em mim, porque em todos estes anos e também agora eu estou a ver e a tocar milhares de facto, factos que não posso "subsumir" nos meus conceitos e que tocam o ponto inflamado em mim, que me fazem sobressaltar. Dialogo com pessoas que sei que viram tanto como eu, se não mais (também pela sua longa pertença ao Movimento) e, no entanto, tudo aquilo que viram "não lhes basta", "já não vivem a atratividade"

“já não veem”. E então? O que fica? Quero olhar de frente esta pergunta, porque não quero viver com o medo que, a certo ponto, também a mim me sucederá qualquer coisa diante da qual não saberei como estar. Se olho para o momento de “escuridão” que vivi há alguns anos, aquilo que permanecia, apesar de tudo, era a evidência do que me tinha acontecido no início da vocação, de tal forma que me tinha feito mudar e desejar que tudo em mim pudesse aderir àquilo que tinha encontrado. Esta evidência não podia cancelá-la, mesmo que às vezes tentasse. Mas era uma luta desigual, para o cancelar tinha de mentir a mim mesmo. Reconhecer isto, não me afastar dessa evidência, permitiu-me fazer um caminho. Vejo isto acontecer também nalguns amigos que estão em dificuldade. Todos os factos que vejo e vivo “aumentam” a evidência do início. “E os seus discípulos acreditaram n’Ele” (Jo 2,11). “Senhor, também eu não percebo, mas só Tu tens palavras que explicam a vida” (cf. Jo 6, 68). Esta é uma experiência que vivo e que não nasce como resultado de um esforço, mas do facto que Ele gerou a minha afeição, ligou-me a Si através de um lugar, através do carisma. Impressionou-me muito que tu, precisamente durante aquela Diaconia, reagindo ao exemplo da rapariga que nos olhos de um nosso amigo via os olhos do avô, sobressaltaste dizendo: “Permanece aquele olhar... Os olhos!”. É verdade, aqueles olhos permanecem, olham-me e modelam o meu próprio olhar: porque o vejo, como dizia uma amiga: “Quem me gera, deixa-me um pobre coitado como antes, mas muda-me o olhar”. Isto abre-me a um uso diferente da razão».

Pedimos agora diretamente ao nosso amigo que nos diga o que é que aquela rapariga viu nos olhos dele.

Boa noite. É uma coisa que me aconteceu na universidade. Uma das raparigas com quem trabalho no órgão representativo para que fui eleito disse-me: «A verdade é que eu tinha perdido a esperança na humanidade, mas, desde que te conheço, já não posso dizer que os seres humanos são todos pessoas horríveis». Ao fim de alguns dias a trabalharmos juntos, a certa altura diz: «Há aqui qualquer coisa que eu não estou mesmo a perceber. Conta-me lá a tua história!». Fomos tomar um café, contei-lhe o que tinha acontecido na minha vida e ela, desde o primeiro instante, dizia que tudo lhe parecia impossível e irrazoável. Ela tem uma relação especial com a natureza, então perguntei-lhe: «Mas tu alguma vez te perguntaste de onde vem aquela árvore, porque é que aquela árvore existe?» e ela respondeu-me: «Não é possível encontrar respostas para essas perguntas». Nessa noite mandou-me uma mensagem a dizer: «Fui-me deitar a pensar que sempre tive aquelas perguntas de que tu falavas. Posso conhecer os teus amigos?». Então fomos beber um copo e, à conversa com um dos meus amigos, contou-nos a sua história (que é muito dramática) e disse sobre mim: «Impressionou-me porque tem os olhos do meu avô, que é a única pessoa na minha vida que gostou de mim de verdade. A única coisa que ele e o meu avô têm em comum é que os dois são crentes». Então este amigo meu disse-lhe: «Mas não vês que o teu avô ainda está vivo, vive nos olhos deste teu amigo». E isso foi para ela a possibilidade de acrescentar aquela peça do puzzle, aquele particular que abre para o universal, porque foi como se a sua história se ligasse à nossa, mesmo não sendo ela crente. Agora, sempre que pode, vem almoçar connosco e continua a dizer: «Não percebo, não percebo mesmo, mas vejo os olhos do meu avô. E essa é a única coisa que me dá paz, a única coisa que faz com que eu não esconda as perguntas, mesmo sem as perceber e parecendo-me que não têm sentido». O que é que eu vejo nisto? Vejo, a pouco e pouco, crescer em mim a consciência de que o meu “eu” é tão mais “eu” quanto mais há Aquele que o ama, que o prefere. E é isto que cria uma amizade verdadeira. E é incrível porque isto está a fazer-me ser mais eu, de tal maneira que a minha vida, que antes estava dividida em compartimentos (universidade, desporto, família) está a unir-se e estas partes a encontrar-se. Isto tem um valor enorme para mim.

Fica alguma coisa do que acontece na nossa vida? Como é que sabes que encontraste uma coisa que permanece? Pelos olhos. Os olhos do avô nos teus olhos! Se o olhar do avô não tivesse permanecido nela, aquela rapariga não teria sido capaz de reconhecer nos teus olhos os olhos do avô! Muitas vezes, é como se tivéssemos que ver coisas assim acontecerem para responder às nossas perguntas. É interessante ver o que tu disseste; a princípio, quando lhe contaste a tua história, ela reagiu não acreditando no que lhe estavas a dizer, parecia-lhe impossível e irracional. Não acreditava mesmo!

Mas uma vez que o que ela via em ti era irreduzível, teve que admitir: "Há aqui qualquer coisa [a famosa " qualquer coisa "] que eu não estou mesmo a perceber." Ela vê em ti os olhos do avô e por isso continua a ir ter contigo. Portanto, há alguma coisa que fica, que não desaparece depois de um tempo. E esse olhar é tão verdadeiro, não porque tu te autoconvences que o tens, mas porque outra - aquela rapariga - o intercepta sem saber nada sobre ti, reconhece-o ao ver o que os teus olhos e os do seu avô têm em comum. Isto é extraordinário! E o que é que eles têm em comum? O facto de que ambos acreditam. Esta rapariga pode ainda não perceber o que é essa "qualquer coisa" e será necessário dar-lhe todo o espaço de que precisa, mas já não pode apagar o que viu. Ela já não pode cancelar a pergunta que antes evitava ("De onde vem esta árvore?"), tanto que quando vai para a cama tem-na dentro de si; e não pode apagar o olhar do avô que reviu em ti. É como se tivesse encontrado uma coisa que não pode apagar, uma coisa irreduzível às suas interpretações. É aquela exceção - que pode manifestar-se assim: os olhos de uma pessoa - que também os discípulos não sabiam interpretar, mas que não podiam apagar: também eles não percebiam, mas não podiam deixar de reconhecer, na experiência que estavam a fazer, algo único. Por isso, se estamos atentos a estes episódios, podemos dar-nos conta de como é humano o caminho da fé, e é isto que faz que esta tua amiga, intrigada, saia da sua posição inicial - "é impossível" -; tal como aconteceu com os discípulos, que foram atrás de Jesus por curiosidade, pelo pressentimento de alguma coisa que aquele Homem trazia no olhar. Acontece o mesmo agora.

Um amigo que não pode participar por causa de um compromisso de trabalho escreveu uma coisa parecida: "Uma parte do capítulo 3 questionou-me muito. É quando se diz: "Jesus Cristo, aquele homem de há dois mil anos esconde-se, torna-se presente, sob a roupagem, sob o aspeto duma humanidade diferente. O encontro, o impacto, é com uma humanidade diferente: é a experiência de uma humanidade diferente que nos surpreende". A mim aconteceu-me a mesma coisa. No trabalho nunca disse que era do Movimento. Depois de um ano e meio, surgiu a pergunta e eu disse a todos que era do Movimento. Isso despertou espanto geral em todos, menos para um colega que disse: "Bem, eu já tinha percebido há algum tempo". Quando lhe fui perguntar como é que era possível, ele disse: "Sabes? Nesta empresa trabalhava uma pessoa que também era do CL", que não conheço, "e tu e ele são tão parecidos! O que têm em comum é a dignidade que dão às pessoas [ou seja, o mesmo olhar que surpreendia todos aqueles que eram olhados por Jesus] quando falam com elas, independentemente de quem têm à vossa frente" [não é um problema de simpatia ou antipatia]. O que ele disse surpreendeu-me porque nunca me dei conta disso; na verdade, às vezes tenho vergonha de ser demasiado duro com os meus colegas. Vi nisto o sinal daquela nova humanidade da qual inconscientemente nos tornamos portadores, porque aconteceu um acontecimento tão radical que mudou completamente as nossas vidas. É paradoxal que nunca tenha tentado ser bom, mas, como também aconteceu com Azurmendi, o meu colega tinha intercedido aquela humanidade que havia em comum entre mim e o antigo colega. Mas aqui vem-me uma pergunta: como é possível que nem todos tenham consciência desta nova humanidade? Porque é que em quinze pessoas que estavam lá e que me tinham conhecido, a mim e ao ex-colega, apenas uma reconheceu que há algo em comum que nos une, caso contrário a nossa diversidade não teria sido explicada? " Isso pertence ao mistério da liberdade de cada um, o que nos cabe a nós é ser testemunhas; o que o outro fará com nosso testemunho depende de uma decisão de sua liberdade. Assim, respondendo à pergunta do que fica, é interessante interceder nos outros o que fica quando nos encontram, e através dos outros tornarmos-nos nós mais conscientes disso.

Este ano uma minha nova colega, muito inteligente e profissional, aproximou-se progressivamente de mim, até que um dia, este inverno, me perguntou se podia ir à missa comigo. Assim, em fevereiro começámos a encontrar-nos todos os domingos para ir à igreja e às vezes dávamos passeios em que falávamos de várias coisas. Nesta amizade comecei gradualmente a dar-me conta que diante de muitas circunstâncias sentencio: "Impossível" e fecho-me, mas aqui sou delicadamente contestada por ela. Na pág. 4 do Capítulo 3 de Há Esperança? escreveste: "Parece-nos impossível [...] Mas se acontecesse? Se o encontrássemos? Se viesse procurar-nos?" E numa carta na pág. 7 do Capítulo

3: *“Cristo estava a vencer em mim, em todas as minhas feridas e objeções [...] com a Sua contemporaneidade”. Igual! Foi num crescendo, até que há duas semanas explicitou-se o coração desta amizade: esta colega escreveu-me uma longa mensagem, de que leio um bocado: Agradeço-te porque tu, para além de seres minha amiga, és uma Memor e eu creio ter-me dado conta disso antes ainda do dia em que tu me falaste disso. Estás a ajudar-me a sentir-me de novo cristã por escolha. Eu sempre tive fé em Deus, mas tinha perdido um pouco o caminho e tu ajudaste-me verdadeiramente muito a encontrá-lo de novo. Depois a descoberta do Movimento foi uma surpresa, está-me a ajudar a olhar verdadeiramente para dentro de mim. Não sei que percurso farei, mas estou certa de que tenho de agradecer-te por isto. Sei-o com certeza, desde quando me deste o papel com o texto destacado “O Verbo fez-Se Carne e habita entre nós”. Naquele dia percebi que quero ser tua amiga, que és importante e que não quero perder a tua presença. É um bem precioso a não desbaratar. Eu sou protagonista, mas também encantada espetadora de tudo isto. Porque é evidente que ela está a encontrar qualquer coisa de totalmente novo em mim, mas eu encontro outro tanto graças a ela, porque está a mudar a conceção de mim. Dou um exemplo, a partir do que escreves na pág. 8 do Capítulo 3: “Como [...] posso saber se a circunstância concreta em que embati é o acontecimento de Cristo hoje? Se ela demonstra [...] a sua «pretensão universal», a sua capacidade de iluminar cada circunstância ou situação, até a mais perturbadora: a morte.” Eu, neste momento, não estou diante da morte, mas durante anos e até há alguns meses atrás dizia: “Se os outros vissem o que me passa pela cabeça, não deveriam confiar em mim. Por isso quem vê a verdade de mim? Eu, que me vejo por dentro!”. Era devastador. Agora, ao contrário, se volto a pensar naquela conceção que tinha de mim, o problema não me aflige, porque não é esse o ponto: a verdade é que eu sou Sua, do Senhor. Isto vê-o a minha amiga, mas vejo-o também eu, porque vejo que Ele volta sempre a retomar-me, agora também através dela neste modo para mim tão novo que me parece nunca o ter visto! E por isso tenho uma grande curiosidade em ver onde me levará. Obrigada!*

Esta é a dinâmica da geração do eu, que acontece lentamente, de acordo com um plano que não é nosso. E é tão evidente que às vezes os outros vêm-no antes de nós. O Senhor faz-nos encontrar pessoas que o veem para nos tornar conscientes do que está a acontecer em nós. Como diz outro contributo, que retoma um trecho do livro: “Dois mil anos depois estamos na mesma situação, há qualquer coisa que está dentro da nossa experiência, mas vem de além dela”. Os discípulos viram aquele homem e não puderam deixar de reconhecer que havia qualquer coisa dentro que os remetia para além. Esta coisa, que remete para "além de", a tua nova amiga descobriu-a em ti.

Lentamente, se nos damos o tempo necessário, se nos deixamos gerar por aquilo que Ele faz em nós, podemos compreender a partir da nossa experiência as palavras de São Paulo (semelhantes às tuas): “Já não [sou] eu [que vivo], mas Cristo vive em mim” (Gal. 2, 20). Penso na rapariga que cito no livro, que o pode verificar até diante da morte do namorado da irmã, ao ver como Cristo está a vencer com a Sua contemporaneidade pela reação que percebe na maneira de estar diante daquela situação desafiadora. Estamos a vê-lo, mas muitas vezes a história que temos atrás de nós não nos parece suficiente para enfrentar um novo desafio.

A frase "o imprevisto é a única esperança", que repeti com grande simpatia no passado, desta vez não me deixou tranquila. O ano vivido na minha cidade que, de novembro até agora está entre as cidades com maior número de contágios por habitante em Itália (e com muitos mortos); uma situação familiar muito difícil e dolorosa que já dura há anos; o ano letivo que pôs à prova os meus alunos e a mim com eles, todos estes factos amedrontaram-me com o que pode ainda acontecer. Até à notícia sobre as disposições do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida relativamente aos órgãos de governo dos movimentos, que me perturbou profundamente. A minha atitude é a que está descrita no ponto sobre a afeição do segundo capítulo: a tentação de me retirar, de me poupar aos imprevistos por medo. “Deixar aberta a possibilidade de que aconteça alguma coisa que ultrapasse as nossas capacidades de previsão” assusta-me, mas percebo que “não é renunciar à razão, mas viver a fundo a razão” (p.3 Cap.3). Como dizes na Introdução: "temos atrás de nós história suficiente para saber que qualquer nossa tentativa será demasiado fraca. O fim está previsto e a morte sai sempre

vitória" e, no entanto, estou diante de testemunhas (penso na tua pronta e imediata resposta ao cardeal Farrell) que sentem que tudo é novo pela novidade que é nelas o encontro. É diante deste imprevisto que descubro que é familiar e ardente a pergunta de Nicodemos "Posso nascer de novo sendo velho?" Eu tenho atrás de mim história suficiente para saber que todas as tentativas são insuficientes e tenho atrás de mim história suficiente para saber que há esperança, mas pergunto-te: como posso nascer de novo? Como posso não olhar sempre para trás, libertar-me do passado e ver tudo como novo?

Como veem, também neste caso surge a pergunta: ficou alguma coisa do passado para enfrentar tudo? Permanece alguma coisa como nova, até surpreender que um imprevisto é realmente a única esperança?

Desde sexta-feira que em várias ocasiões veio à baila o tema do Decreto do Dicastério. Li aquele Decreto e o que me veio á cabeça foi "Não vos falta graça alguma" (1 Cor 1, 7). Não tenho medo. O caminho que me fizeste fazer nestes anos tornou-me certa. Deus é fiel e a história é Sua. Estou curiosa para ver o que vai acontecer. Não penses que não percebo o alcance disto para o Movimento. Mas não me impede de respirar. Rezo, olho e guardo silêncio. Se achas que esta posição é ingénuo ou pouco profunda diz-me, porque há muitos que pensam isso e eu queria perceber o que é que não estou a ver.

Várias pessoas me escreveram a pedir ajuda sobre como estar perante as disposições do Decreto do Dicastério para os Leigos, Família e Vida, sem censurar a sua experiência, porque, como veem, esta é de novo uma circunstância que temos de enfrentar.

A primeira reação que viram em mim, como lembrou a amiga que interveio há pouco, é a disponibilidade absoluta à obediência - a virtude cristã que *don* Giussani inoculou sempre no nosso sangue, dando-nos dela testemunho constante - a respeito da solicitação de alterações na forma de governo interno das associações. Afirmei-o na carta que enviei ao Cardeal Farrell no dia seguinte e que podem encontrar no site de CL: "Com relação à carta com a qual quis antecipar-me o texto do Decreto Geral referente ao exercício do governo dentro das associações internacionais de fiéis, desejo assegurar que a Diaconia Central da Fraternidade de Comunhão e Libertação providenciará o cumprimento das solicitações, na modalidade e nos prazos estabelecidos pelo próprio Decreto." Podemos olhar para esta circunstância, novamente, investidos pela experiência que vivemos e estamos a viver. Também esta é uma oportunidade oferecida a cada um para responder à questão do que fica, para o verificar na experiência. Nas relações entre nós, não somos definidos por papéis ou cargos, mas pela diversidade que trazemos. Portanto, os papéis ou cargos podem mudar, como deve ser, e podemos continuar a testemunhar uns aos outros a novidade que nos agarrou. Esta é a questão crucial. Ao mesmo tempo, isto traz à tona a importância duma circunstância como esta.

O que está em jogo para nós nesta circunstância? Como sempre, o nosso amadurecimento (como vimos nas intervenções desta noite, uma após a outra), ou seja, a verificação da fé. Cada um de nós reagiu de uma forma ou de outra perante o Decreto (como diante do acidente do teleférico, ou o retorno à "normalidade", ou vendo as coisas falharem) e pode surpreender o que *don* Giussani chama, no capítulo décimo d'*O Sentido Religioso*, "a estrutura da reação do homem perante a realidade" (Editorial Verbo, setembro 2000, p. 141), ou seja, o que gerou em nós o caminho que percorremos. Porque é na estrutura da reação que emerge tudo o que cada um é, vive, a sua autoconsciência, o caminho que fez, tudo o que ganhou ou falta ganhar. Na estrutura da reação, na forma como reagimos, encontramos indícios sobre os passos dados na personalização da fé e sobre os passos que faltam dar, portanto, sobre o que deve ser feito do ponto de vista educativo.

O que está aqui em jogo, hoje mais do que nunca - como sempre nos disse *don* Giussani - é a geração da nossa pessoa através de todos os desafios que temos de enfrentar. O que todos desejamos é que a humanidade diferente que nasce da fé se torne nossa, entre na nossa carne, como dizia uma das primeiras intervenções. A pessoa deve ser ajudada a crescer na autoconsciência; a pessoa não cresce por meio de pensamentos ou reflexões abstratas, mas através do que acontece. Porque é que *don* Giussani se interessa tanto pelo crescimento desta autoconsciência? Porque "a força de um sujeito

está na intensidade da sua autoconsciência" (*O sentido de Deus e o homem moderno*, Diel, Lisboa 1998, p. 139). Esta é a verdadeira força da nossa pessoa: a sua autoconsciência.

Face a tudo o que ouvimos esta noite, face a qualquer desafio, lembremo-nos sempre que a nossa batalha (como dissemos nos Exercícios) é contra o nada. Não façamos confusão! Novamente, a pergunta a que devemos responder é: o que é preciso para viver em qualquer circunstância? Tudo o resto vem depois. A nós interessa-nos a fé como resposta pertinente às exigências da vida.

Fiquei impressionado com o que *don* Giussani disse aos universitários em 1990: "O que importa é o sujeito, mas o sujeito [...] é a consciência de um acontecimento [quando ele nos penetra, vemo-lo na reação com que vivemos tudo], o acontecimento de Cristo, que se fez história para ti através de um encontro, e tu reconheceste-o. Devemos colaborar, ajudarmo-nos uns aos outros no surgimento de novos sujeitos, ou seja, pessoas conscientes de um acontecimento que se torna história para elas, caso contrário podemos criar redes organizativas, mas não construímos nada, não damos nada de novo ao mundo [e nem sequer a nós mesmos]. Por isso [atenção!] o que mede o aumento do Movimento é a educação à fé da pessoa: o reconhecimento de um acontecimento que se tornou história. Cristo tornou-se história para ti, porque te tocou através do que chamamos o "encontro", penetrou de alguma forma [entrou nas tuas entranhas], tornou-se "inter-esse", está dentro do teu ser "(*Un evento reale nella vita dell'uomo*. 1990-1991, Bur, Milano 2013, p. 39). Se nos dermos tempo, o encontro penetrará cada vez mais em nós e tornar-nos-á gratos pelo acontecimento que nos aconteceu, permitindo-nos enfrentar qualquer circunstância, incluindo todas as que mencionámos esta noite. Todos os testemunhos o confirmaram, documentando que não se trata de um sonho, mas de uma experiência real. E assim podemos ficar verdadeiramente curiosos para ver como as novas circunstâncias serão capazes de nos mostrar ainda mais a contemporaneidade de Cristo, fazendo-nos tocar a sua diversidade única pela capacidade que tem de gerar o nosso eu.

Por isso espero que ninguém queira perder a oportunidade desta verificação. Ajudemo-nos a manter viva a consciência do que está em jogo para cada um de nós nos próximos meses, porque o impacto do confinamento não acabou e cada um deve continuar a verificar o que aprendeu. A verificação da fé não acabou, tal como não acabaram os desafios. Tudo é uma oportunidade de verificação, e diante de tudo temos a oportunidade de ver se fica alguma coisa (como vimos esta noite), e que gera sujeitos capazes de enfrentar qualquer circunstância.

O trabalho da Escola de Comunidade continuará durante o verão sobre o texto dos Exercícios da Fraternidade *Há esperança? O fascínio da descoberta*. Até final de julho continuamos o trabalho sobre os terceiro e quarto capítulos, com as respetivas perguntas e respostas da assembleia. Nos meses de agosto e setembro trabalharemos o quinto e o sexto capítulos, com a respetiva parte da assembleia.

Decreto do Dicastério para os Leigos, Família e Vida. Todos puderam ler o Decreto do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida no passado dia 11 de junho, que diz respeito à Fraternidade e a muitas outras associações e movimentos da Igreja. A nossa intenção é responder sem demora às alterações solicitadas, nos prazos e da forma indicada no Decreto. Como acabei de dizer, estamos diante de um novo desafio que nos permitirá verificar o crescimento da nossa autoconsciência.

Centenário do nascimento de don Giussani. Recordo que está ativo o site contributicentenario.comunioneliberazione.org, onde podem carregar o vosso contributo para a celebração do centenário do nascimento de *don* Giussani, até ao próximo dia 15 de setembro. Peço a todos que considerem seriamente esta possibilidade e que não esperem pelos últimos dias, a fim de facilitar o trabalho da secretaria. Para mais informação é possível consultar o site.

Meeting de Rimini. Lembro que a 42ª edição do Encontro, intitulada «A coragem de dizer eu», decorrerá de 20 a 25 de agosto na Feira de Rimini. Tendo em conta as normas em vigor e as condições de cada um, convido todos a considerarem a possibilidade de visitarem o Meeting pelo menos um

dia. É a maneira mais simples de ajudar a construir aquele ponto de encontro único que é o Meeting. As formas de participar presencialmente serão indicadas no site meetingrimini.org.

Gostaria também de salientar que ainda existe a necessidade de adultos para o trabalho voluntário, principalmente para o Serviço Médico. Por este motivo, as inscrições para o voluntariado - apenas para adultos - estendem-se até 30 de junho. Para mais informações deve consultar-se o site do Meeting.

Jornada de Início de Ano. Terá lugar na tarde de sábado, 25 de setembro. No início de setembro informaremos como participar no gesto.

Instrumentos de comunicação. Finalmente, convido-vos a levar a sério os nossos instrumentos de comunicação também no verão: a revista *Tracce/Passos*, o site do Movimento, as redes sociais. Não nos interessa fazer propaganda, mas em primeiro lugar verificarmos nós o que nos impressiona, para que tenhamos o desejo de o compartilhar com quem quer que seja. Pensem no que ouvimos esta noite! É o contributo mais concreto que nos podemos dar, a nós, aos nossos amigos e a todas as pessoas que encontraremos este verão.

Veni Sancte Spiritus

Desejo a todos um bom verão!

Vemo-nos na Jornada de Início de Ano!

Obrigada! Adeus.